

# Prólogo

“Mar,  
metade da minha alma é feita de maresia.”

(Sophia de Mello Breyner Andresen, “Atlântico”)

Portugal, pela sua situação geográfica e pelo seu passado histórico da época dos Descobrimentos, está intimamente unido ao imaginário marítimo. Após uma breve análise, é fácil notar a importância real deste tema na cultura nacional cujo perfume é de maresia e cujo sabor é de sal. Os portugueses sentem o mar.

O mar traduz a expressão de sentimentos tão dicotómicos como são a serenidade e a raiva; a esperança e a angústia; a felicidade e a tristeza. O mar provoca igualmente o sentimento de medo ao evocar a imensidão, os poderes da natureza, da força cósmica e da glória divina. Os oceanos representam o perigo e a sedução: por um lado as tempestades e os monstros marinhos, por outro lado o sonho de riquezas exóticas, de terras desconhecidas, de liberdade.

As representações deste espaço lendário constituem uma tradição e uma memória comum no imaginário coletivo da “Casa Lusitana”. Considerando que as produções do imaginário e das fantasmagorias de uma comunidade humana expressam o que essa comunidade é e foi, uma análise profunda da *rêverie* do mar revela-se incontornável para compreender a idiossincrasia do povo português. A presente reflexão sobre a temática do Mar baseia-se nas Estruturas Antropológicas do Imaginário elaboradas pelo sociólogo e antropólogo francês Gilbert Durand (1969). Este autor aborda as construções do imaginário de um ponto de vista social e poético, baseando-se nas narrativas históricas e míticas que edificam a identidade coletiva. Ao pôr em evidência certas estruturas de pensamento, comuns a toda a humanidade, Durand demonstra a importância do imaginário para a construção social da atual realidade.

O presente ensaio insere-se no âmbito da História das Mentalidades e da Sociologia do Imaginário, apresentando brevemente as representações marítimas portuguesas construídas ao longo dos séculos. Os objetivos são, por um lado, refletir a partir de um pensamento de cariz hermenêutico sobre o Mar, tema profundamente enraizado na existência portuguesa que se assume como expressão simbólica; e por outro lado, estabelecer os pontos de ligação de relevância assinalável entre este tema e a construção antropológica do imaginário segundo Durand. Por outras palavras, numa primeira fase propomos não só uma classificação dos vários arquétipos marítimos (monstros, deuses, heróis, ilhas fabulosas, tesouros, águas perigosas, o Outro: piratas e selvagens), como também uma análise dos temas-chave específicos do imaginário português (memórias do império, o abismo depois do horizonte, as trevas do Atlântico, a morte, a vitória sobre o mar, a saudade, a névoa e a esperança). Numa segunda fase integramos esta constelação de imagens e símbolos numa estrutura antropológica existente para revelar o que o povo português partilha com todos os outros povos marítimos.

A intenção é de conduzir o leitor através do espaço e do tempo numa viagem totalmente inspirada pelo Mar. Esta jornada marítima começa nos mares sagrados, elemento primordial para várias civilizações do mundo antigo, ou nos mares criados pelos deuses noutras culturas. A presença dos oceanos (celestes ou terrestres) nas cosmogonias demonstra a importância dos mesmos para o Homem. Na Antiguidade o mar era um elemento ignoto. Suas dimensões, profundidade e movimento eram desconhecidos. Homero descreve este espaço como um lugar sombrio e hostil, tumba dos heróis anónimos e sem glória. Daremos especial relevo à mitologia porque o mito é das primeiras manifestações da inteligência humana, interpretando aquilo cujo sentido o Homem não dominava. Por força da sua natureza, bela e inspiradora, a forma mítica está na origem da poesia e da literatura, daí o seu interesse na análise de certas produções artísticas.

O segundo capítulo transporta o leitor para o Mar da imagética bíblica medieval. Na Idade Média o mar era, seguindo a tradição greco-romana, um sítio horrendo, um inferno líquido povoado por monstros marinhos aterradores e devoradores. Todavia as suas representações maravilhosas apresentam sempre ilhas fabulosas incluindo o paraíso terrestre, “a Ilha da Promissão”. O imaginário marítimo europeu sofre assim uma metamorfose gradual: o mar, embora perigoso, pode ser o portal de acesso a riquezas terrestres. Notemos que na esfera religiosa tal magnificência residia na ideia da viagem como uma renovação espiritual de si próprio. A lenda do Preste João, cujo fundo é o Mitema<sup>1</sup> do Rei Escondido, é igualmente crucial no imaginário dos Descobrimentos. É fácil de compreender a relação entre estes temas, na medida em que as imagens de cada um destes arquétipos (a Ilha-Paraíso e o Rei Escondido) se encadeiam e se complementam numa convergência de símbolos. Percebemos assim a construção do discurso arturiano do aventureiro do mar (Herói Solar ou Santo). A sujeição aos poderes divinos é uma constante significativa quer no mito quer na lenda, devido certamente à falta de conhecimentos náuticos, geográficos e meteorológicos.

Relembraremos, em seguida, no terceiro capítulo, as Descobertas portuguesas num contexto histórico e de forma linear, com o objetivo de salientar a interrelação subtil entre os factos reais e o imaginário que os propulsaram. Veremos igualmente o movimento oposto, ou seja como os Descobrimentos deram, por sua vez, origem a um desenvolvimento profundo do imaginário e da razão permitindo uma glorificação justificada – mítica e histórica – do povo luso. Notamos porém que o elo do povo ribeirinho com o mar provém de atividades anteriores, como a pesca e o comércio do sal. Consideramos portanto que o imaginário marítimo português não emergiu na época do Renascimento mas na Idade Média<sup>2</sup>.

Como comprova o quarto capítulo, a ilustre aventura lusitana custou muitas vidas e muitas lágrimas: o *mare nostrum* transforma-se no mar salgado pessoano. Na época moderna a iconografia fantástica conferiu uma intensidade renovada ao Medo, com uma crescente produção da literatura sobre naufrágios e tempestades. Os naufrágios não foram a causa única de tantas mortes. As doenças, o contacto agressivo com algumas populações indígenas, os confrontos navais ou as condições extremas da vida dos marujos também

<sup>1</sup> Os mitemas são narrativas subjacentes que estruturam o mito.

<sup>2</sup> É nossa convicção que o imaginário marítimo estava já presente durante a ocupação do litoral pelo povo lusitano. Mas a inexistência de provas concretas sobre essas crenças torna arriscado fazer tal proposta.

contribuíram para um aumento da mortandade. Este aspeto trágico das navegações suscita angústia e nostalgia comuns a todo o povo luso.

Os grandes feitos históricos encaixam-se totalmente no trajeto do imaginário marítimo português com os seus heróis, as suas desventuras, as suas esperanças e as suas vitórias. No entanto, este trajeto não é único no mundo. O mar está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento civilizacional e, por conseguinte, ao património do imaginário. Não foi por acaso que as grandes civilizações europeias se desenvolveram à beira-mar. O mar fornece alimento, mas sobretudo, quando compreendido, transforma-se numa autêntica via de comunicação que abre as portas à economia. Com o comércio, desenvolvem-se as comunicações, o conhecimento e a partilha cultural. As riquezas do comércio financiam monumentos, estilos arquitetónicos, produções artísticas. Os imaginários marítimos apresentam por isso uma variedade riquíssima de símbolos, imagens e lendas numa miríade intercultural. Portanto é possível desenhar um trajeto antropológico de figuras que convergem numa constelação de imagens isomorfas.

O último capítulo constrói tal trajetória com o objetivo de desenredar o fio condutor de inspirações e aspirações, tanto de outrora como de agora. Influenciado pelas culturas greco-romana e cristã, o discurso do imaginário marítimo português alicerça-se na relação imemorial com o mar, transportando-nos para um passado mítico.

Este ensaio não pretende evocar nenhum discurso saudosista. Devido à sua situação geográfica, Portugal sempre esteve e estará intimamente unido ao elemento Água. Tal como aconteceu no passado, o mar continuará, no futuro, a ser fonte de avanço tecnológico, desta feita em matéria de energia renovável. Atualmente os oceanos representam possibilidades energéticas. A era da globalização é marcada pelo desafio das alterações climáticas e pela consequente procura de fontes alternativas de energia não fóssil, que melhor protegem o ambiente.

O mar, ao condicionar a política, a economia e a cultura, marca indelevelmente a história portuguesa e determina também o imaginário nacional, unindo as memórias do passado às projeções do futuro. O imaginário português apresenta um elo forte com o espaço geográfico do país: nos confins da terra. Este aspeto, salientado por Tiago Pitta e Cunha (2011:10), “marcou não apenas a sua história, mas até o destino e o caráter coletivo dos portugueses. Uma história em que, por muito tempo, as opções se reduziram entre escolher o mar ou o isolamento.”

Numa época em que os governos portugueses não parecem ter grande interesse pelos assuntos marítimos, e em que Portugal parece ter perdido a união paradigmática com o mar, tendo deixado de o ver como um símbolo e recurso nacionais, este ensaio pretende, acessoriamente, tecer um elogio do mar e reavivar a consciência coletiva.

O mar marcou uma grande fase da vida nacional, desde a Escola de Sagres até ao fim do Estado Novo. Apesar da adesão de Portugal à União Europeia e o consequente desvanecimento da ligação ao mar, os portugueses mantiveram uma veneração, como prova a festividade da Nossa Senhora dos Navegantes, festejada a dia 15 de agosto em várias comunidades piscatórias de norte a sul, desde a Póvoa de Varzim até Armação de Pêra. Foi mesmo criada a paróquia desta Santa no Parque das Nações, Lisboa, no âmbito da Expo'98 que tinha por tema “Os oceanos: património para o futuro”. O pavilhão mais conhecido é o Oceanário

cuja mascote é o boneco Vasco (com o mote “O Vasco é boa onda”) que faz claramente alusão a Vasco da Gama.

Ao rever a literatura portuguesa é fácil constatar a contribuição para o património cultural lusitano de mitos, contos e lendas cujo pano de fundo é o mar. Por esta razão, são inúmeras as referências à literatura e à poesia, desde as Cantigas de Amigo, aos Autos de Gil Vicente, à Epopeia de Camões, à literatura romântica de um Alexandre Herculano ou de um Almeida Garrett, à poesia do século passado – de Fernando Pessoa e de Sofia de Mello Breyner Andresen –, até às letras de músicas contemporâneas e aos romances históricos. Não é objetivo do presente ensaio fazer a lista exaustiva da atividade artística portuguesa ligada ao mar. Essa investigação ficará para outros, ou para mais tarde. No entanto é importante pôr em relevo a literatura e a cultura popular pois são estas que preservam a memória coletiva. A identidade da Casa Lusitana forjou-se no imaginário daqueles que tiveram por vocação a autognose coletiva e por destino o salvaguardar da memória nacional. Assim como os navegadores, também os escritores usufruíram da imaginação dinâmica que Bachelard atribui à alma atlântica. Este dinamismo torna a imaginação criadora em si própria: se os navegadores marcaram grandes episódios da História portuguesa, os escritores gravaram-na na memória coletiva. Assim, as determinantes na constituição da identidade coletiva – e individual – não são os dados históricos, mas outrossim as imagens da História que se cristalizam.

Por último, é de realçar a importância da Sociologia do Imaginário, ainda pouco reconhecida em Portugal, para analisar o mundo social que está impregnado de sentimentos e de sonhos específicos do ser humano. Este tipo de sociologia, inovadora nas suas teorias, acompanha os tempos pós-modernos e oferece uma nova visão do elo que unifica a consciência coletiva. As permanentes referências mitológicas e literárias têm dois fitos: um contacto direto com a alma de um povo, e o elogio da poesia e da literatura, pois é nelas que encontramos as crenças, as tradições e as aspirações nacionais. Se durante séculos a fonte do poder e da riqueza de Portugal residiu no atravessar dos mares, o imaginário marítimo é, logicamente, um dos elementos constituintes da cultura e do sentir português.